



«O MAIOR BRASILEIRO  
DE TODOS OS TEMPOS»

**CHICO  
XAVIER**

pelo Espírito  
Emmanuel

# Paulo e Estêvão

nascente

Uma obra-prima sobre o nascimento  
da doutrina cristã

# Índice

Breve notícia .....	7
---------------------	---

## PRIMEIRA PARTE

I	Corações flagelados .....	13
II	Lágrimas e sacrifícios.....	35
III	Em Jerusalém .....	50
IV	Nas estradas de Jope .....	70
V	A pregação de Estêvão .....	84
VI	Ante o Sinédrio .....	100
VII	As primeiras perseguições.....	116
VIII	A morte de Estêvão .....	139
IX	Abigail cristã .....	164
X	No caminho de Damasco.....	180

## SEGUNDA PARTE

I	Rumo ao deserto .....	199
II	O tecelão .....	224
III	Lutas e humilhações .....	251
IV	Primeiros labores apostólicos .....	301
V	Lutas pelo Evangelho .....	362
VI	Peregrinações e sacrifícios.....	387
VII	As Epístolas.....	406
VIII	O martírio em Jerusalém .....	439
IX	O prisioneiro do Cristo .....	480
X	Ao encontro do Mestre .....	501

Índice remissivo.....	535
-----------------------	-----

## Breve notícia

Não são poucos os trabalhos que correm mundo, relativamente à tarefa gloriosa do Apóstolo dos Gentios. É justo, pois, esperarmos a interrogativa: — Por que mais um livro sobre Paulo de Tarso? Homenagem ao grande trabalhador do Evangelho ou informações mais detalhadas de sua vida?

Quanto à primeira hipótese, somos dos primeiros a reconhecer que o convertido de Damasco não necessita de nossas mesquinhas homenagens; e quanto à segunda, responderemos afirmativamente para atingir os fins a que nos propomos, transferindo ao papel humano, com os recursos possíveis, alguma coisa das tradições do Plano Espiritual acerca dos trabalhos confiados ao grande amigo dos gentios.

Nosso escopo essencial não poderia ser apenas rememorar passagens sublimes dos tempos apostólicos, e sim apresentar, antes de tudo, a figura do cooperador fiel, na sua legítima feição de homem transformado por Jesus Cristo e atento ao divino ministério. Esclareceremos, ainda, que não é nosso propósito levantar apenas uma biografia romanceada. O mundo está repleto dessas fichas educativas, com referência aos seus vultos mais notáveis. Nosso melhor e mais sincero desejo é recordar as lutas acerbadas e os ásperos testemunhos de um coração extraordinário, que se levantou das lutas humanas para seguir os passos do Mestre, num esforço incessante.

As Igrejas amornecidas da atualidade e os falsos desejos dos crentes, nos diversos setores do Cristianismo, justificam as nossas intenções.

Em toda parte há tendências à ociosidade do espírito e manifestações de menor esforço. Muitos discípulos disputam as prerrogativas

de Estado, enquanto outros, distanciados voluntariamente do trabalho justo, suplicam a proteção sobrenatural do Céu. Templos e devotos entregam-se, gostosamente, às situações acomodáticas, preferindo as dominações e regalos de ordem material.

Observando esse panorama sentimental é útil recordarmos a figura inesquecível do Apóstolo generoso.

Muitos comentaram a vida de Paulo, mas, quando não lhe atribuíram certos títulos de favor, gratuitos do Céu, apresentaram-no como um fanático de coração ressequido. Para uns, ele foi um santo por predestinação, a quem Jesus apareceu, em uma operação mecânica da graça; para outros, foi um espírito arbitrário, absorvente e ríspido, inclinado a combater os companheiros, com vaidade quase cruel.

Não nos deteremos nessa posição extremista.

Queremos recordar que Paulo recebeu a dádiva santa da visão gloriosa do Mestre, às portas de Damasco, mas não podemos esquecer a declaração de Jesus relativa ao sofrimento que o aguardava por amor ao seu nome.

Certo é que o inolvidável tecelão trazia o seu ministério divino, mas quem estará no mundo sem um ministério de Deus? Muita gente dirá que desconhece a própria tarefa, que é insciente a tal respeito, mas nós poderemos responder que, além da ignorância, há desatenção e muito capricho pernicioso. Os mais exigentes advertirão que Paulo recebeu um apelo direto, mas, na verdade, todos os homens menos rudes têm a sua convocação pessoal ao serviço do Cristo. As formas podem variar, mas a essência ao apelo é sempre a mesma. O convite ao ministério chega, às vezes, de maneira sutil, inesperadamente; a maioria, porém, resiste ao chamado generoso do Senhor. Ora, Jesus não é um mestre de violências e se a figura de Paulo avulta muito mais aos nossos olhos, é que ele ouviu, negou-se a si mesmo, arrependeu-se, tomou a cruz e seguiu o Cristo até o fim de suas tarefas materiais. Entre perseguições, enfermidades, apodos, zombarias, desilusões, deserções, pedradas, açoites e encarceramentos, Paulo de Tarso foi um homem intrépido e sincero, caminhando entre as sombras do

mundo, ao encontro do Mestre que se fizera ouvir nas encruzilhadas da sua vida. Foi muito mais que um predestinado, foi um realizador que trabalhou diariamente para a luz.

O Mestre chama-o da sua esfera de claridades imortais. Paulo tateia na treva das experiências humanas e responde:

— Senhor, que queres que eu faça?

Entre ele e Jesus havia um abismo que o Apóstolo soube transpor em decênios de luta redentora e constante.

Demonstrá-lo, para o exame do quanto nos compete em trabalho próprio, a fim de ir ao encontro de Jesus, é o nosso objetivo.

Outra finalidade deste esforço humilde é reconhecer que o Apóstolo não poderia chegar a essa possibilidade, em ação isolada no mundo.

Sem Estêvão, não teríamos Paulo de Tarso. O grande mártir do Cristianismo nascente alcançou influência muito mais vasta na experiência paulina, do que poderíamos imaginar tão só pelos textos conhecidos nos estudos terrestres. A vida de ambos está entrelaçada com misteriosa beleza. A contribuição de Estêvão e de outras personagens desta história real vem confirmar a necessidade e a universalidade da lei de cooperação. E, para verificar a amplitude desse conceito, recordemos que Jesus, cuja misericórdia e poder abrangiam tudo, procurou a companhia de doze auxiliares, a fim de empreender a renovação do mundo.

Aliás, sem cooperação, não poderia existir amor; e o amor é a força de Deus, que equilibra o Universo.

Desde já, vejo os críticos consultando textos e combinando versículos para trazerem à tona os erros do nosso tentame singelo. Aos bem-intencionados agradecemos sinceramente, por conhecer a nossa expressão de criatura falível, declarando que este livro modesto foi grafado por um Espírito para os que vivam em espírito; e ao pedantismo dogmático ou literário, de todos os tempos, recorreremos ao próprio Evangelho para repetir que, se a letra mata, o espírito vivifica.

Oferecendo, pois, este humilde trabalho aos nossos irmãos da Terra, formulamos votos para que o exemplo do grande convertido

se faça mais claro em nossos corações, a fim de que cada discípulo possa entender quanto lhe compete trabalhar e sofrer, por amor a Jesus Cristo.

EMMANUEL

Pedro Leopoldo (MG), 8 de julho de 1941.

# PRIMEIRA PARTE

# I

## Corações flagelados

A manhã enfeitava-se de muita alegria e de sol, mas as ruas centrais de Corinto estavam quase desertas.

No ar brincavam as mesmas brisas perfumadas, que sopravam de longe; entretanto, não se observava, na fisionomia suntuosa das vias públicas, o sorriso de suas crianças despreocupadas, nem o movimento habitual das liteiras de luxo, em seu giro costumeiro.

A cidade, reedificada por Júlio César, era a mais bela joia da velha Acaia,<sup>1</sup> servindo de capital à formosa província. Não se podia encontrar, na sua intimidade, o espírito helênico em sua pureza antiga, mesmo porque, depois de um século de lamentável abandono, após a destruição operada por Múmio,<sup>2</sup> restaurando-a, o grande imperador transformara Corinto em colônia importante de romanos, para onde acorrera grande número de libertos ansiosos de trabalho remunerador ou proprietários de promissoras fortunas. A estes, associara-se vasta corrente de israelitas e considerável percentagem de filhos de outras raças que ali se aglomeravam, transformando a cidade em núcleo de convergência de todos os aventureiros do Oriente e do Ocidente. Sua cultura estava muito distante das realizações intelectuais do gosto grego mais eminente, misturando-se, em suas praças, os templos mais

---

<sup>1</sup> Província do Império Romano que compreendia o atual Peloponeso e sul da Grécia. A sua capital era Corinto. Formada em 146 a.C., após uma brutal campanha em que a cidade de Corinto foi devastada pelo general Licínio Minúcio e os habitantes chacinados ou vendidos como escravos. Licínio Minúcio herda assim o cognome de Acaico, ou seja, «conquistador da Acaia».

<sup>2</sup> Lúcio Múmio — militar e político romano do século II a.C. Também conhecido como Licínio Minúcio, cujo cognome é Acaico, ou seja, «conquistador da Acaia».

diversos. Obedecendo, talvez, a essa heterogeneidade de sentimentos, Corinto tornara-se famosa pelas tradições de libertinagem da grande maioria dos seus habitantes.

Os romanos lá encontravam campo largo para as suas paixões, entregando-se, desvairadamente, ao venenoso perfume desse jardim de flores exóticas. Ao lado dos aspectos soberbos e das pedrarias rutilantes, o pântano das misérias morais exalava nauseante bafo. A tragédia foi sempre o preço doloroso dos prazeres fáceis. De quando em quando, os grandes escândalos reclamavam as grandes repressões.

Nesse ano de 34 d.C., a cidade em peso fora atormentada por violenta revolta dos escravos oprimidos.

Crimes tenebrosos foram perpetrados na sombra, exigindo severas devassas. O Procônsul não hesitara, ante a gravidade da situação. Expedindo mensageiros oficiais, solicitara de Roma os recursos precisos. E os recursos não tardaram. Em breve, a galera das águias dominadoras, auxiliada por ventos favoráveis, trazia no bojo as autoridades da missão punitiva, cuja ação deveria esclarecer os acontecimentos.

Eis por que, nessa manhã radiosa e alegre, os edifícios residenciais e as lojas do comércio apresentavam-se envolvidos em profundo silêncio, semicerrados e tristes. Os transeuntes eram raros, com exceção de vários magotes de soldados, que cruzavam as esquinas despreocupados e satisfeitos, como quem se entregava, de bom grado, ao sabor das novidades.

Já de alguns dias, um chefe romano, cujo nome se fazia acompanhar de sombrias tradições, fora recebido pela Corte provincial, ali desempenhando as elevadas funções de legado de César, cercado de grande número de agentes políticos e militares e estabelecendo o terror entre todas as classes, com os seus processos infamantes. Licínio Minúcio chegara ao poder, mobilizando todos os recursos da intriga e da calúnia. Conseguindo voltar a Corinto, onde estacionara anos antes, sem maior autoridade, tudo ousava agora, por aumentar seus cabedais, fruto de avareza insaciável e sem escrúpulos. Pretendia recolher-se, mais tarde, àqueles sítios, onde suas

propriedades particulares atingiam grandes proporções, esperando aí a noite da decrepitude. Assim, de maneira a consumir seus criminosos desígnios, iniciou largo movimento de arbitrárias expropriações, a pretexto de garantir a ordem pública em benefício do poderoso Império que a sua autoridade representava.

Numerosas famílias de origem judaica foram escolhidas como vítimas preferenciais da nefanda extorsão.

Por toda parte começavam a chorar os oprimidos; entretanto, quem ousaria o recurso das reclamações públicas e oficiais? A escravidão esperava sempre os que se entregassem a qualquer impulso de liberdade contra as expressões da tirania romana. E não era só a figura desprezível do odioso funcionário que constituía para a cidade uma angustiada e permanente ameaça. Seus asseclas espalhavam-se em vários pontos das vias públicas, provocando cenas insuportáveis, características de uma perversidade inconsciente.

A manhã ia alta, quando um homem idoso, dando a entender que buscava o mercado, pelo cesto que lhe pendia das mãos, atravessava a passos vagarosos uma praça ensolarada e extensa.

Um grupo de tribunos alvejava-o com ditérios deprimentes, entre gargalhadas de ironia.

O velhinho, que denunciava nos traços fisionômicos a linha israelita, demonstrava perceber o ridículo de que vinha sendo objeto, mas, distanciando-se dos militares patrícios, como desejoso de resguardar-se, caminhou com mais timidez e humildade, desviando-se em silêncio.

Foi nesse instante que um dos tribunos, em cujo olhar autoritário perpassava acentuada malícia, acercou-se dele, interrogando-o asperamente: — Olá, judeu desprezível,<sup>3</sup> como ousas passar sem saudar os teus senhores?

O interpelado estacou pálido e trêmulo. Seus olhos revelaram estranha angústia que resumia, na sua eloquência silenciosa, todos os martírios infinitos que flagelavam a sua raça. As mãos enrugadas

---

<sup>3</sup> Expressão utilizada pelo personagem, na época do Cristianismo nascente, manifestando preconceito que, atualmente, é condenado pela própria legislação humana.

lhe tremiam ligeiramente, enquanto o busto se arqueava reverente, premindo a longa barba encanecida.

— Teu nome? — tornou o oficial, entre desrespeitoso e irônico.

— Jochedeb, filho de Jared — respondeu timidamente.

— E por que não saudaste os tribunos imperiais?

— Senhor, eu não ousei! — explicou quase lacrimoso.

— Não ousaste? — perguntou o oficial com profunda aspereza.

E, antes que o interpelado conseguisse oportunidade para mais amplas desculpas, o mandatário imperial assentou-lhe os punhos cerrados no rosto venerável, em bofetões sucessivos e impiedosos.

— Toma! Toma! — exclamava rudemente, ao estridor das gargalhadas dos companheiros presentes à cena, em tom festivo.

— Guarda mais esta lembrança! Cão asqueroso, aprende a ser educado e agradecido!...

O velhinho cambaleou, mas não reagiu. Percebia-se-lhe a surda revolta íntima, a traduzir-se no olhar chamejante, indignado, que lançou ao agressor com uma serenidade terrível. Num movimento espontâneo, olhou os braços encarquilhados na luta e no sofrimento, reconhecendo a inutilidade de qualquer revide. Foi quando o verdugo inesperado, observando-lhe a calma silenciosa, pareceu medir a extensão da própria covardia e, colando as mãos na complicada armadura do cinto, voltou a dizer com profundo desdém:

— Agora que recebeste a lição, podes procurar o mercado, judeu insolente!<sup>4</sup> A vítima dirigiu-lhe, então, um olhar de ansiosa amargura, no qual transpareciam as dolorosas angústias em toda uma longa existência. Emoldurado na túnica singela e na velhice venerável, aureolada por cabelos branqueados nas mais penosas experiências da vida, o olhar do ofendido semelhava-se a um dardo invisível que penetraria, para sempre, a consciência do agressor desrespeitoso e mau. No entanto, aquela dignidade ferida não se demorou muito na atitude de exprobração, intraduzível em palavras. Em breves instantes, suportando os ditérios da geral zombaria, prosseguiu no objetivo que o levara a sair à rua.

---

<sup>4</sup> Ver nota n.º 3.

O velho Jochedeb experimentava agora estranhas e amargas reflexões. Duas lágrimas quentes e doloridas sulcavam-lhe as rugas da face macilenta, perdendo-se nos fios grisalhos da barba veneranda. Que fizera para merecer tão pesados castigos? A cidade fora trabalhada pelos movimentos de rebeldia de numerosos escravos, mas seu pequeno lar prosseguia com a mesma paz dos que trabalham com dedicação e obediência a Deus.

A humilhação experimentada fazia-o regressar, pela imaginação, aos períodos mais difíceis da história de sua raça. Por que motivo, e até quando sofreriam os israelitas a perseguição dos elementos mais poderosos do mundo? Qual a razão de serem sempre estigmatizados, como indignos e miseráveis, em todos os recantos da Terra? Entretanto, amavam sinceramente aquele Pai de justiça e amor, que velava dos Céus pela grandeza da sua fé e pela eternidade dos seus destinos. Enquanto os outros povos se entregavam ao relaxamento das forças espirituais, transformando esperanças sagradas em expressões de egoísmo e idolatria, Israel sustentava a lei do Deus único, esforçando-se, em todas as circunstâncias, por conservar intacto o seu patrimônio religioso, com sacrifício embora da sua independência política.

Acabrunhado, o pobre velho meditava na própria sorte.

Esposo dedicado, enviudara quando aquele mesmo Licínio Minúcio, questor do Império, anos antes, instaurara nefandos processos em Corinto, a fim de punir alguns elementos de sua população descontente e rebelada. Sua grande fortuna pessoal fora extremamente reduzida e houve de amargar uma prisão injusta, resultante de falsas acusações, que lhe valeram pesados dissabores e terríveis confiscos. Sua mulher não havia resistido aos sucessivos golpes que lhe feriram fatalmente o coração sensível, mergulhando-se na morte, atormentada de acerbos desgostos e deixando-lhe os dois filhinhos que constituíam a coroa de esperança da sua laboriosa existência. Jeziel e Abigail desenvolviam-se sob o carinho de seus braços afetuosos e, por eles, no acúmulo dos sagrados deveres domésticos, sentia que a neve da estrada humana lhe alvejara precocemente os cabelos, consagrando a Deus as suas mais santas

experiências. À mente lhe veio então, mais viva, a silhueta graciosa dos filhos. Era um lenitivo conhecer o sabor agradável das experiências do mundo, em benefício deles. O tesouro filial compensava-o das flagelações em cada acidente do caminho. A evocação do lar, onde o amor carinhoso dos filhos alimentava as esperanças paternas, suavizou-lhe as amarguras.

Que importava a brutalidade do romano conquistador, quando sua velhice se aureolava dos mais santos afetos do coração? Experimentando resignado consolo, chegou ao mercado, onde se abasteceu do que necessitava. O movimento não era intenso na feira habitual, como nos dias mais comuns; entretanto, havia certa concorrência de compradores, mormente de libertos e pequenos proprietários, que afluíam das estradas de Cencreia.<sup>5</sup>

Nem havia terminado a compra de peixe e legumes, luxuosa liteira parou no centro da praça e dela saltou um oficial patricio, desdobrando largo pergaminho. Ao sinal de silêncio, que fizera emudecer todas as vozes, a palavra da estranha personagem vibrou forte na leitura fiel do édito que trazia:

“Licínio Minúcio, questor do Império e legado de César, encarregado de abrir nesta província a necessária devassa para restabelecimento da ordem em toda a Acaia, convida a todos os habitantes de Corinto que se considerarem prejudicados em seus interesses pessoais, ou que se encontrarem necessitados de amparo legal, a comparecerem amanhã, ao meio-dia, no palácio provincial, junto ao templo de Vênus Pandemos,<sup>6</sup> a fim de exporem suas queixas e reclamações, que serão plenamente atendidas pelas autoridades competentes.”

Lido o aviso, o mensageiro retomou a elegante viatura, que, sustentada por hercúleos braços escravos, desapareceu na primeira esquina, envolvida por uma nuvem de pó levantada em remoinho pela ventania da manhã.

<sup>5</sup> Antiga cidade da Grécia, no Peloponeso, junto ao Golfo Sarónico, no istmo de Corinto. Paulo visitou-a em 55, em sua passagem rumo a Jerusalém.

<sup>6</sup> De acordo com a personagem Pausânias em *O Banquete* de Platão, a deusa Afrodite tem duas manifestações, representadas por duas histórias: Afrodite Uraniana (Afrodite «celestial») e Afrodite Pandemos (Afrodite «comum»).

Entre os circunstantes, surgiram logo opiniões e comentários.

Os queixosos não tinham conta. O legado e seus prepostos logo de começo se apossaram de pequenos patrimônios territoriais da maioria das famílias mais humildes, cujos recursos financeiros não davam para custear processos no foro provincial. Daí, a onda de esperanças que avassalava o coração de muitos e a opinião pessimista de outros, que não enxergavam no édito senão nova cilada, para obrigar os reclamantes a pagarem muito caro as suas legítimas reivindicações.

Jochedeb ouviu a comunicação oficial, colocando-se imediatamente entre os que se julgavam com direito a esperar legítima indenização pelos prejuízos sofridos noutros tempos. Animado das melhores esperanças, desandou para casa, escolhendo caminho mais longo, de modo a evitar novo encontro com os que o haviam humilhado rudemente.

Não havia caminhado muito, quando lhe surgiram à frente novos grupos de militares romanos, em conversações ruidosas, que transbordavam alacrememente nas claridades da manhã.

Defrontando o primeiro grupo de tribunos e sentindo-se alvo de comentários deprimentes a transparecerem em risos escarninhos, o velho israelita considerou: “Deverei saudá-los, ou passar mudo e reverente, como procurei fazer na vinda?” Preocupado em evitar novo pugilato que agravasse as humilhações daquele dia, inclinou-se profundamente qual mísero escravo e murmurou tímido:

— Salve, valorosos tribunos de César!

Mal acabou de dizer e um oficial de fisionomia dura e impassível se acercou, exclamando colérico:

— Que é isso? Um judeu a dirigir-se impunemente aos patrícios? Chegou a tanto a condenável tolerância da autoridade provincial? Façamos justiça por nossas próprias mãos.

E novas bofetadas estalaram no rosto dorido do infeliz, que necessitava concentrar todas as energias na vontade para não se atirar, de qualquer modo, a uma reação desesperada. Sem uma palavra de justificação, o filho de Jared submeteu-se ao castigo cruel. Seu coração, precipite, parecia rebentar de angústia no peito

envelhecido; todavia, o olhar refletia a intensa revolta que lhe ia na alma opressa. Impossibilitado de coordenar ideias em face da agressão inesperada, na sua atitude humilde reparou que, desta vez, o sangue jorrava das narinas, tingindo-lhe a barba branca e o linho singelo das vestiduras. Isso, porém, não chegou a sensibilizar o agressor, que, por fim, lhe vibrou a última punhada na fronte enrugada, murmurando:

— Safa-te, insolente!

Sustentando, a custo, o cesto que lhe pendia dos braços trêmulos, Jochedeb avançou cambaleante, sufocando a explosão do seu extremo desespero. “Ah! ser velho!”, pensava. Simultaneamente, os símbolos da fé modificavam-lhe as disposições espirituais, e sentia no íntimo a palavra antiga da Lei: “Não matarás.” No entanto, os ensinamentos divinos, a seu ver, na voz dos profetas, aconselhavam o revide: “Olho por olho, dente por dente.” Seu espírito guardava a intenção da represália como remédio às reparações a que se julgava com direito, mas as forças físicas já não eram compatíveis com os requisitos da reação.

Profundamente humilhado e presa de angustiosos pensamentos, buscou recolher-se ao lar, onde se aconselharia com os filhos muito amados, em cujo afeto encontraria, decerto, a necessária inspiração.

Sua modesta vivenda não demorava longe e, ainda a distância, acabrunhado, entreviu o singelo e pequenino teto do qual fizera a edícula do seu amor. Presto, enveredou na trilha que terminava na cancelinha tosca, quase afogada pelas roseiras de Abigail, a exalarem forte e delicioso perfume. As árvores verdes e copadas espalhavam frescor e sombra, que atenuavam o rigor do sol. Uma voz clara e amiga chegava de longe aos seus ouvidos. O coração paternal adivinhava. Àquela hora, Jeziel, conforme o programa por ele mesmo traçado, arava a terra, preparando-a para as primeiras semeaduras. A voz do filho parecia casar-se à alegria do sol. A velha canção hebraica, que lhe saía dos lábios quentes de mocidade, era um hino de exaltação ao trabalho e à Natureza. Os versos harmoniosos falavam do amor a terra e da proteção constante de Deus. O generoso pai afogava, a custo, as lágrimas do coração. A melodia

popular sugeria-lhe um mundo de reflexões. Não havia trabalhado a existência inteira? Não se presumia um homem honesto nos mínimos atos da vida, para jamais perder o título de justo? Entretanto, o sangue da perseguição cruel ali estava a pingar-lhe da barba veneranda sobre a túnica branca e indene de qualquer mácula que lhe pudesse atormentar a consciência.

Ainda não transpusera o cercado rústico da vivenda humilde, quando uma voz cariciosa lhe gritava assustadiça e veemente:

— Pai! Pai! que sangue é esse?

Uma jovem de notável formosura corria a abraçá-lo com imensa ternura, ao mesmo tempo em que lhe arrancava o cesto das mãos trêmulas e doloridas.

Abigail, na candidez dos seus 18 anos, era um gracioso resumo de todos os encantos das mulheres da sua raça. Os cabelos sedosos caíam-lhe em anéis caprichosos sobre os ombros, emoldurando-lhe o rosto atraente num conjunto harmonioso de simpatia e beleza. No entanto, o que mais impressionava, no seu talhe esbelto de menina e moça, eram os olhos profundamente negros, nos quais intensa vibração interior parecia falar dos mais elevados mistérios do amor e da vida.

— Filhinha, minha querida filha! — murmurou ele, amparando-se nos seus braços carinhosos.

Em breve, dava conta de todas as ocorrências. E, enquanto o velho genitor banhava o rosto contundido, na infusão balsâmica que a filha preparara cuidadosamente, Jeziel era chamado a inteirar-se do acontecido.

O jovem correu solícito e pressuroso. Abraçado ao pai, ouviu-lhe o desabafo amargo, palavra por palavra. No vigor da juventude, não se lhe poderia dar mais de 25 anos, mas o comedimento dos gestos e a gravidade com que se exprimia, deixavam entrever um espírito nobre, ponderado e servido por uma consciência cristalina.

— Coragem, pai! — exclamou depois de ouvir a dolorosa exposição, pondo nas expressões de firmeza um acentuado cunho de ternura — nosso Deus é de justiça e sabedoria. Confiemos na sua proteção!

Jochedeb contemplou o filho de alto a baixo, fixando-lhe o olhar bondoso e calmo, em que desejaria lobrigiar, naquele momento, a indignação que lhe parecia natural e justa, dominado pelo desejo das represálias. É verdade que criara Jeziel para as alegrias puras do dever, em obediência à leal execução da Lei; entretanto, nada o compelia a abandonar suas ideias de desforra, de maneira a desafrontar-se dos ultrajes recebidos.

— Filho — obtemperou depois de meditar longo tempo —, Jeová é cheio de justiça, mas os filhos de Israel, como escolhidos, precisam igualmente exercê-la. Poderíamos ser justos, olvidando afrontas? Não poderei descansar, sem o repouso da consciência pela obrigação cumprida. Tenho necessidade de assinalar os erros de que fui vítima, no presente e no passado, e amanhã irei ao legado ajustar minhas contas.

O jovem hebreu fez um movimento de espanto e acrescentou:

— Ireis, porventura, à presença do questor Licínio, esperando providências legais? E os antecedentes, meu pai? Pois não foi esse mesmo patrício quem vos despojou de grande patrimônio territorial, atirando-vos ao cárcere? Não vedes que ele tem nas mãos as forças da iniquidade? Não será de temer novas investidas com o fim de extorquir o pouco que nos resta?

Jochedeb mergulhou no olhar do filho, olhar que a nobreza do coração orvalhava de lágrimas emotivas, porém, na sua rigidez de caráter, acostumado a executar os desígnios próprios até o fim, exclamou quase secamente:

— Como sabes, tenho contas velhas e novas a acertar, e, amanhã, de conformidade com o édito, aproveitarei o ensejo que o Governo provincial nos faculta.

— Meu pai, suplico-vos — advertiu o rapaz, entre respeitoso e carinhoso —, não lanceis mão desses recursos!

— E as perseguições? — explodiu o velho energicamente — e esse turbilhão incessante de ignomínias a respeito dos homens de nossa raça? Não haverá um paradeiro nesse caminho de infinitas angústias? Assistiremos, inermes, ao enxovalho de tudo que possuímos de mais sagrado? Tenho o coração revoltado com esses crimes

odiosos que nos atingem impunemente... A voz tornara-se-lhe arras-tada e melancólica, deixando perceber extremo desânimo; toda-  
via, sem se perturbar com as objeções paternas, Jeziel prosseguiu:

— Essas torturas, entretanto, não são novas. Há muitos séculos, os faraós do Egito levaram tão longe a crueldade para com os nos-sos ascendentes que os meninos de nossa raça eram trucidados logo ao nascer. Antíoco Epifânio,<sup>7</sup> na Síria, mandou degolar mulheres e crianças, no recesso mesmo dos nossos lares. Em Roma, de tempos em tempos, todos os israelitas sofrem vexames e confiscos, per-seguição e morte. Mas, certamente, meu pai, Deus permite que assim aconteça para que Israel reconheça, nos sofrimentos mais atrozés, a sua missão divina.

O velho israelita parecia meditar as ponderações do filho; con-tudo, acrescentou resolutivo:

— Sim, tudo isso é verdade, mas a justiça reta deve ser cum-prida, ceitil por ceitil, e nada poderá demover-me.

— Então, ireis reclamar, amanhã, perante o legado?

— Sim!

Nesse momento, o olhar do jovem demorou na velha mesa onde repousava a coleção dos Escritos Sagrados da família. Animado por súbita inspiração, Jeziel lembrou humildemente:

— Pai, não tenho o direito de exortar-vos, mas vejamos o que nos suscita a palavra de Deus a respeito do que pensais neste mo-mento.

E abrindo os textos ao acaso, conforme o costume da época, a fim de conhecer a sugestão que lhes pudessem facultar as sagra-das letras, leu na parte dos *Provérbios*:

*Filho meu, não rejeites o corretivo do Senhor, nem te enojas de sua repreensão; porque Deus repreende aquele a quem ama, assim como o pai, ao filho a quem quer bem.*<sup>8</sup>

<sup>7</sup> Antíoco IV (175-164 a.C.), ocupou o Egito, de onde foi expulso pelos romanos. Sua política de helenização provocou a revolta dos judeus (os macabeus).

<sup>8</sup> *Provérbios*, 3:11 e 12.

O velho israelita abriu os olhos espantados, revelando a estupefação que a mensagem indireta lhe causava; e como Jeziel o fixasse longamente, demonstrando ansioso interesse por conhecer-lhe a atitude íntima, em face da sugestão dos pergaminhos sagrados, acentuou:

— Recebo a advertência dos Escritos, meu filho, mas não me conformo com a injustiça e, segundo tenho resolvido, levarei minha queixa às autoridades competentes.

O rapaz suspirou e disse resignado:

— Que Deus nos proteja!...

\*\*\*

No dia seguinte, avolumava-se compacta multidão junto ao templo da Vênus popular. Do antigo casarão onde funcionava um tribunal improvisado, viam-se as luxuosas e extravagantes viaturas que cruzavam a grande praça em todas as direções. Eram patrícios que se dirigiam às audiências da Corte Provinciana, ou antigos proprietários da fortuna particular de Corinto, que se entregavam aos entretenimentos do dia, à custa do suor dos misérrimos cativos. Desusado movimento caracterizava o local, observando-se, de vez em quando, os oficiais embriagados que deixavam o ambiente viciado do templo da famosa deusa, entupido de capitosos perfumes e condenáveis prazeres.

Jochedeb atravessou a praça, sem se deter para fixar qualquer detalhe da multidão que o rodeava e penetrou no recinto, onde Licínio Minúcio, cercado de muitos auxiliares e soldados, expedia numerosas ordens.

Os que se atreveram à queixa pública excediam tão somente de uma centena e, depois de prestarem declarações individuais, sob o olhar percuciente do legado, eram um por um conduzidos para a solução isolada do assunto que lhes dizia respeito.

Chegada a sua vez, o velho israelita expôs suas reclamações particulares, atinentes às indébitas expropriações do passado e aos insultos de que fora vítima na véspera, enquanto o orgulhoso

patrício lhe anotara as menores palavras e atitudes, do alto de sua cátedra, como quem já conhecia, de longo tempo, a personagem em causa. Conduzido novamente ao interior, Jochedeb esperou, como os demais, a solução dos seus pedidos de reparação à justiça, mas, aos poucos, quando outros eram convocados nominalmente ao acerto das contas com o Governo provincial, reparava que o antigo casarão se envolvia em grande silêncio, percebendo que sua vez, possivelmente, fora adiada por circunstâncias que não podia presumir. Instado nominalmente a dirigir-se ao juiz, ouviu, grandemente surpreendido, a sentença negativa, lida por um oficial que desempenhava as atribuições de secretário daquela alçada:

— O legado imperial, em nome de César, resolve ordenar o confisco da suposta propriedade de Jochedeb ben Jared, concedendo-lhe três dias para desocupar as terras que ocupa indebitamente, visto pertencerem, com fundamento legal, ao questor Licínio Minúcio, habilitado a provar, a qualquer tempo, seus direitos de propriedade.

A decisão inesperada causou intensa comoção ao velho israelita, a cuja sensibilidade aquelas palavras levaram um efeito de morte. Nem saberia definir a angustiada surpresa. Não confiara na justiça e não estava à procura de sua ação reparadora? Queria gritar o seu ódio, manifestar suas pungentes desilusões, mas a língua estava como que petrificada na boca retraída e trêmula. Após um minuto de profunda ansiedade, fixou no alto a figura detestada do antigo patrício, que lhe causava, agora, a derradeira ruína, e, envolvendo-o na vibração colérica da alma revoltada e sofredora, encontrou energias para dizer:

— Ó Ilustríssimo questor, onde está a equidade das vossas sentenças? Venho até aqui implorando a intervenção da justiça e me retribuí a confiança com mais uma extorsão que me aniquilará a existência? No passado, sofri de desapropriação descabida de todos os meus bens territoriais, conservando com enormes sacrifícios a chácara humilde, onde pretendo esperar a morte!... Será crível que vós, dono de opulentos latifúndios, não sintais remorso em subtrair ao mísero velho a derradeira côdea de pão?

O orgulhoso romano, sem um gesto que denotasse a mais leve emoção, retrucou secamente:

— Ponha-se na rua; e que ninguém discuta as decisões imperiais!

— Não discutir? — clamou Jochedeb já desvairado. — Não poderei altear a voz amaldiçoando a memória dos criminosos romanos que me espoliaram? Onde colocareis vossas mãos, envenenadas com o sangue das vítimas e as lágrimas das viúvas e dos órfãos esbulhados, quando soar a hora do julgamento no Tribunal de Deus?...

Mas, recordando subitamente o lar povoado pela ternura dos filhos amorosos, modificou a atitude mental, sensibilizado nas fibras recônditas do ser. Prostrando-se, de joelhos, em convulsivo pranto, exclamou comovedoramente: — Tende piedade de mim, Ilustríssimo!... Poupai-me a vivenda modesta, onde, acima de tudo, sou pai... Meus filhos esperam-me com o beijo da sua afeição sincera e desvelada!...

E acrescentava afogado em lágrimas:

— Tenho dois filhos que são duas esperanças do coração. Poupai-me, por Deus! Prometo conformar-me com esse pouco, nunca mais reclamarei!...

Entretanto, o legado impassível respondeu com frieza, dirigindo-se a um soldado:

— Espártaco, para que esse judeu impertinente se afaste do recinto, com as suas lamentações, dez bastonadas.

O preposto formalizou-se para cumprir imediatamente a ordem, mas o juiz implacável acrescentou:

— Tenha cuidado em não lhe cortar o rosto, para que o sangue não escandalize os transeuntes.

De joelhos, o pobre Jochedeb suportou o castigo e, terminada a prova, levantou-se, cambaleante, alcançando a praça ensolarada, sob as risotas disfarçadas de quantos haviam presenciado o ignóbil espetáculo. Nunca, em sua vida, experimentara tão intenso desespero como naquela hora. Queria chorar e tinha os olhos frios e secos, lamentar a desdita imensa e os lábios estavam petrificados

de revolta e dor. Parecia um sonâmbulo vagando inconsciente entre as viaturas e os transeuntes que se aglomeravam na praça enorme. Contemplou com extrema e íntima repugnância o templo de Vênus. Desejava ter voz estentórica e poderosa para humilhar todos os circunstantes com a palavra da condenação. Observando as cortesãs coroadas que o encontravam, as armaduras dos tribunos romanos e a ociosa atitude dos afortunados que passavam despercebidos do seu martírio, molemente recostados nas liteiras vistosas da época, sentiu-se como que mergulhado num dos pântanos mais odiosos do mundo, entre os pecados que os profetas da sua raça jamais se cansaram de profligar, com todas as veras do coração consagrado ao Todo-Poderoso. Corinto, a seus olhos, era uma nova edição da Babilônia condenada e desprezível.

De súbito, apesar dos tormentos que lhe perturbavam a alma exausta, recordou novamente os filhos queridos, sentindo, por antecipação, a profunda amargura que a notícia da sentença lhes causaria ao espírito sensível e afetuosos. A lembrança da ternura de Jeziel enternecia-lhe o peito galvanizado no sofrimento. Teve a impressão de vê-lo ainda a seus pés, suplicando desistisse de qualquer reclamação e, aos ouvidos, ecoava-lhe agora, com mais intensidade, a exortação dos Escritos: “Filho meu, não rejeites a repreensão do Senhor!” Ao mesmo tempo, porém, ideias destruidoras invadiam-lhe o cérebro cansado e dolorido. A Lei sagrada estava cheia de símbolos de justiça. Para ele, impunha-se como dever soberano providenciar a reparação que lhe parecia conveniente. Agora, em desolação suprema, regressava ao lar, despojado de tudo que possuía de mais humilde e mais simples, e já no fim da vida! Como lhe viria o pão de amanhã?! Sem elementos de trabalho e sem-teto, via-se constrangido a peregrinar em situação parasitária, ao lado da juventude dos filhos. Inenarrável martírio moral sufocava-lhe o coração.

Dominado por acerbos pensamentos, aproximou-se do sítio bem-amado, onde edificara o ninho familiar. O sol quente da tarde fazia mais doce a sombra das árvores, de ramarias verdes e abundantes. Jochedeb avançou no terreno, que era propriedade sua,

e, angustiado pela perspectiva de abandoná-lo para sempre, deu ensejo a que terríveis tentações lhe desvairassem a mente. As terras de Licínio não se limitavam com a chácara? Afastando-se do caminho que o levava ao ambiente doméstico, penetrou nos matagais próximos e, depois de alguns passos, demorou o olhar na linha de demarcação, entre ele e o seu verdugo. As pastagens do outro lado não pareciam bem cuidadas. À falta de melhor distribuição da água comum, certa *secura* geral fazia-se sentir asperamente. Apenas algumas árvores, isoladas, amenizavam a paisagem com a sua sombra, refrescando a região abandonada, entre espinheiros e parasitas que sufocavam as ervas úteis.

Obcecado pela ideia de reparação e vingança, o velho israelita deliberou incendiar as pastagens próximas. Não consultaria os filhos, que, possivelmente, dobrariam o seu espírito, inclinados à tolerância e à benignidade. Jochedeb recuou alguns passos e, recorrendo ao material de serviço ali guardado nas proximidades, fez o fogo com que acendeu um feixe de ervas ressequidas. O rastilho comunicou-se, célere, e em rápidos minutos o incêndio das pastagens propagava-se com a velocidade do relâmpago.

Terminada a tarefa, sob a penosa impressão dos ossos doloridos, regressou cambaleante ao lar, onde Abigail o inquiriu, inutilmente, dos motivos de tão profundo abatimento. Jochedeb deitou-se à espera do filho, mas, dentro em pouco, um ruído ensurdecedor ecoava-lhe aos ouvidos. Não longe da chácara, o fogo destruíra árvores amigas e frondes robustas, reduzindo pastos verdes a punhados de cinzas. Grande área ardia, irremediavelmente, escutando-se os gritos lamentosos das aves que fugiam espavoridas. Pequenas benfeitorias do questor, inclusive algumas termas pitorescas de sua predileção, construídas entre as árvores, ardiam igualmente, convertendo-se em negros escombros. Aqui e acolá, o alarido dos trabalhadores do campo, em espantosa correria por salvar da destruição a residência campestre do poderoso patrício, ou procurando insular a serpente de fogo que lambia a terra em todas as direções, aproximando-se dos pomares vizinhos.

Algumas horas de ansiedade espalharam as mais angustiosas expectativas, mas, ao fim da tarde, o incêndio fora dominado, depois de ingentes esforços.

Debalde o velho judeu enviara mensagens à procura do filho, dentro dos círculos de serviço da sua pequena herdade. Desejava falar a Jeziel das suas necessidades e da situação tormentosa em que se encontravam novamente, ansioso por descansar a mente atormentada nas palavras dulcificantes da sua ternura filial. Entretanto, somente à noite, com as vestes chamuscadas e as mãos ligeiramente feridas, o jovem entrou em casa, deixando entrever no cansaço da fisionomia a laboriosa tarefa a que se impusera. Abigail não se surpreendeu com o seu aspecto, entendendo que o irmão não deixara de auxiliar os companheiros de trabalho da vizinhança, nas ocorrências da tarde, preparando-lhe aos pés cansados e às mãos doloridas o banho de água aromatizada, mas, tão logo o viu e notou as mãos feridas, foi com espanto que Jochedeb exclamou:

— Onde estiveste, filho meu?

Jeziel falou da cooperação espontânea no salvamento da propriedade vizinha e, à medida que relatava os tristes sucessos do dia, o pai deixava traçar a própria angústia na fâcies sombria, em que se estereotipavam os traços rudes da revolta que lhe devorava o coração. Ao cabo de alguns minutos, erguendo a voz desalentada, falou com profunda emoção:

— Meus filhos, custa dizer-lhes, mas fomos espoliados na derradeira migalha que nos resta... Reprovando minha reclamação sincera e justa, o legado de César determinou o sequestro do nosso próprio lar. A iníqua sentença é o passaporte da nossa ruína total. Pelas suas disposições, somos obrigados a abandonar a chácara em três dias!

Elevando os olhos para o Alto, como a insistir junto à Divina Misericórdia, exclamava com o olhar embaciado de lágrimas:

“Tudo perdido!... Por que fui assim desamparado, meu Deus?! Onde a liberdade do vosso povo fiel, se, em toda parte, nos exterminam e perseguem sem piedade?”

Grossas lágrimas escorriam-lhe pelas faces, enquanto com a voz trêmula narrava aos filhos os pesados tormentos de que fora vítima. Abigail osculava-lhe as mãos enternecidamente, e Jeziel, sem qualquer alusão à rebeldia paterna, abraçava-o depois da sua dolorosa exposição, consolando-o com amor: — Meu pai, por que vos atemorizades? Deus nunca é avaro de misericórdia. Os Escritos Sagrados nos ensinam que Ele, antes de tudo, é o Pai desvelado de todos os vencidos da Terra! Essas derrotas chegam e passam. Tendes os meus braços e o cuidado afetuoso de Abigail. Por que lastimar, se amanhã mesmo, com o socorro divino, poderemos sair desta casa, para buscar outra em qualquer parte, a fim de nos consagrarmos ao trabalho honesto?! Deus não guiou o nosso povo expulso do lar, através do oceano e do deserto? Por que negaria, então, seu apoio a nós que tanto o amamos neste mundo? Ele é a nossa bússola e a nossa casa.

Os olhos de Jeziel fixavam o velho genitor em uma atitude de súplica profundamente cariciosa. Suas palavras revelavam o mais doce enternecimento no coração. Jochedeb não era insensível àquelas formosas manifestações de carinho, mas, ante a revelação de tanta confiança no poder divino, sentia-se envergonhado, depois do ato extremo que praticara. Descansando na ternura que a presença dos filhos lhe oferecia ao espírito desolado, dava curso às lágrimas dolorosas que lhe fluíam da alma pungida por acerbas desilusões. Entretanto, Jeziel continuava:

— Não choreis meu pai, contai conosco! Amanhã, eu próprio providenciarei a nossa retirada, como se faz preciso.

Foi nesse instante que a voz paternal se ergueu soturna e acentuou:

— Mas não é tudo, meu filho!...

E, pausadamente, Jochedeb pintou o quadro de suas angústias reprimidas, da sua cólera justa, que culminara com a decisão de atear fogo à propriedade do verdugo execrando. Os filhos ouviam-no espantados, entremostrando a dor sincera que a conduta paterna lhes causava. Depois de um olhar de infinito amor e funda preocupação, o jovem abraçou-o, murmurando:

— Meu pai, meu pai, por que levantastes o braço vingador? Por que não esperastes a ação da Justiça Divina?...

Embora perturbado pelas afetuosas admoestações, o interpe-lado esclarecia:

— Está escrito nos mandamentos: “não furtarás”; e, fazendo o que fiz, procurei retificar um desvio da Lei, porquanto fomos espoliados de tudo que constituía o nosso humilde patrimônio.

— Acima de todas as determinações, porém, meu pai — acentuou Jeziel sem irritação —, Deus mandou gravar o ensinamento do amor, recomendando que o amássemos sobre todas as coisas, de todo o coração e todo o entendimento.

— Amo o Altíssimo, mas não posso amar o romano cruel — suspirou Jochedeb amargurado.

— Mas como revelarmos dedicação ao Todo-Poderoso que está nos Céus — continuou o jovem compadecido —, destruindo suas obras!?

— No caso do incêndio, não temos só a considerar o nosso testemunho de desconfiança para com a Justiça de Deus, mas os campos que nos fornecem agasalho e pão sofreram com a nossa atitude e os dois melhores servos de Licínio Minúcio, Caio e Rufflio, foram feridos de morte quando tentavam salvar as termas prediletas do amo, em uma luta inútil para livrá-las do fogo que as destruiu; ambos, apesar de escravos, têm sido nossos melhores amigos. As árvores frutíferas e os canteiros de legumes de nossa propriedade devem quase tudo a eles, não só no concernente às sementes vindas de Roma, mas também no esforço e cooperação com o meu trabalho. Não seria justo honrarmos sua amizade, dedicada e diligente, evitando-lhes a punição e os sofrimentos injustos?

Jochedeb pareceu meditar profundamente nas observações filiais, ditas em tom carinhoso. Enquanto Abigail chorava em silêncio, o moço acrescentava:

— Nós que estávamos em paz, nas derrotas do mundo, porque trazíamos a consciência pura, precisamos resolver, agora, em face do que nos advirá em represálias. Quando dava o meu

esforço contra o fogo, observei que muitos afeiçoados de Minúcio me contemplavam com indisfarçável desconfiança. A esta hora, já ele terá regressado dos serviços da Corte provincial. Precisamos encomendar-nos ao amor e à complacência de Deus, pois não ignoramos os tormentos reservados pelos romanos a todos os que lhes desrespeitam as determinações.

Penosa nuvem de tristeza mergulhara os três em sombrias preocupações. No velho observava-se uma ansiedade terrível, que se misturava à dor do remorso pungente e, em ambos os jovens, notava-se, no olhar, inexcusável amargura, angustiosa e intraduzível.

Jeziel tomou de sobre a mesa os velhos pergaminhos sagrados e disse à irmã, com triste acento:

— Abigail, vamos recitar o Salmo que nos foi ensinado pela mamãe para as horas difíceis.

Ambos se ajoelharam e suas vozes comovidas, como a de pássaros torturados, cantavam baixinho uma das formosas orações de Davi, que haviam aprendido no colo maternal:

*O Senhor é o meu pastor;  
Nada me faltará.  
Deitar-me faz em verdes pastos,  
Guia-me mansamente  
A águas mui tranquilas.  
Refrigera a minha alma;  
Guia-me nas veredas da justiça  
Por amor do seu nome.  
Ainda que eu andasse  
Pelo vale das sombras da morte,  
Não temeria mal algum,  
Porque Tu estás comigo;  
A tua vara e o teu cajado me consolam.  
Preparas-me o banquete do amor  
Na presença dos meus inimigos,  
Unge de perfume a minha cabeça,  
O meu cálice transborda de júbilo!...*

*Certamente,  
A bondade e a misericórdia  
Seguirão todos os dias de minha vida;  
E habitarei na Casa do Senhor  
Por longos dias.*<sup>9</sup>

O velho Jochedeb acompanhava o cântico dolorido, sentindo-se oprimido de amargosas emoções. Começava a compreender que todos os sofrimentos enviados por Deus são proveitosos e justos, e que todos os males procurados pelas mãos do homem trazem, invariavelmente, torturas infernais à consciência invigilante. O cântico abafado dos filhos enchia-lhe o coração de tristezas pungentes. Lembrava, agora, a companheira querida que Deus havia chamado à Vida Espiritual. Quantas vezes acalentara-lhe ela o espírito atormentado com aqueles versos inesquecíveis do profeta? Bastava que sua observação amiga e fiel se fizesse ouvir para que o sentido da obediência e da justiça lhe falasse mais alto ao coração.

Ao ritmo da harmonia cariciosa e triste, que apresentava acento singular na voz dos filhos idolatrados, Jochedeb chorou longamente. Da pequenina janela aberta no aposento humilde, seus olhos buscaram ansiosamente o céu azul, que se enchera de sombras tranquilas. A noite abraçara a Natureza e, muito longe, no alto, começavam a luzir as primeiras estrelas. Identificando-se com as sugestões grandiosas do firmamento, experimentou intensas comoções na alma ansiosa. Profundo enternecimento fê-lo levantar-se e, sedento de revelar aos filhinhos quanto os amava e quanto deles esperava naquela hora culminante da sua vida, inclinou-se de braços abertos, com significativa expressão de carinho e, quando as últimas notas se desprendiam do cântico dos jovens enlaçados e genuflexos, abraçou-os em pranto, murmurando:

— Meus filhos! meus queridos filhos!...

<sup>9</sup> Nota do autor espiritual: *Salmos*, 23.

Nesse instante, porém, abriu-se a porta e um pequenino servidor das vizinhanças anunciou com grande assombro a lhe transparecer nos olhos:

— Senhores, o soldado Zenas e mais alguns companheiros chamam-vos à porta.

O velho colou a destra ao peito opresso, enquanto Jeziel pareceu meditar um instante; todavia, revelando a firmeza do seu espírito resoluto, o jovem exclamou:

— Deus nos protegerá.

Daí a instantes, o mensageiro que chefiava a pequena escolta leu o mandado de prisão de toda a família. A ordem era categórica e irrevogável. Os acusados deveriam ser recolhidos imediatamente ao cárcere, a fim de que se lhes esclarecesse a situação no dia seguinte.

Abraçado aos dois filhos, o pobre israelita marchou à frente da escolta, que os observava sem piedade.

Jochedeb contemplou os canteiros de flores e as árvores bem-amadas junto da casinha singela em que tecera todos os sonhos e esperanças da sua vida. Singular emoção dominou-lhe o espírito cansado. Uma torrente de lágrimas fluía-lhe dos olhos e, transpondo a cancela florida, falou em voz alta, olhando o céu claro, agora recamado pelos astros da noite:

— Senhor! compadece-te do nosso amargurado destino!...

Jeziel apertou-lhe docemente a mão encarquilhada, como a lhe pedir resignação e calma, e o grupo marchou silenciosamente à luz das estrelas.

## II

# Lágrimas e sacrifícios

A prisão que recebera as nossas personagens, em Corinto, era um velho casarão de corredores úmidos e escuros, mas a sala destinada aos três, conquanto desprovida de qualquer conforto, apresentava a vantagem de uma janela gradeada, que comunicava o ambiente desolado com a natureza exterior.

Jochedeb estava cansadíssimo e, servindo-se do manto que apanhara ao acaso, ao retirar-se, Jeziel improvisou-lhe um leito sobre as lajes frias. O velho, atormentado por uma aluvião de pensamentos, descansava o corpo dolorido, entregue a penosas meditações sobre os problemas do destino humano. Sem saber externar suas dores pungentes, engolfara-se em angustioso mutismo, evitando o olhar dos filhos. Jeziel e Abigail aproximaram-se da janela segurando-lhe as grades inflexíveis e abafando, com dificuldade, a justa inquietação. Ambos olharam, instintivamente, o firmamento, cuja imensidade sempre resumiu a fonte das mais ternas esperanças para os que choram e sofrem na Terra.

O jovem abraçou a irmã, com imensa ternura, e disse comovido:

— Abigail, lembras-te da nossa leitura de ontem?

— Sim — respondeu ela com a ingênua serenidade dos seus olhos negros e profundos —, tenho agora a impressão de que os Escritos nos davam uma grande mensagem, pois nosso ponto de estudo foi justamente aquele em que Moisés contemplava, de longe, a terra da Promissão sem poder alcançá-la.

O rapaz sorriu satisfeito por sentir-se identificado nos seus pensamentos e confirmou:

— Vejo que estamos de perfeito acordo. O céu, esta noite, oferece-nos a perspectiva de uma pátria luminosa e distante. Lá — continuava apontando o zimbório estrelado — organiza Deus os triunfos da verdadeira justiça; dá paz aos tristes; conforto aos desalentados da sorte. Certamente, nossa mãe está com Deus, esperando por nós.

Abigail mostrou-se muito impressionada com as palavras do irmão e acentuou:

— Estás triste? Ficaste agastado com o proceder de nosso pai?

— De modo algum — atalhou o moço, afagando-lhe os cabelos —, estamos em experiências que devem ter a melhor finalidade para a nossa redenção, porque, de outro modo, Deus não no-las mandaria.

— Não nos aborreçamos com o pai — tornou a jovem —; estive pensando que, se a mamãe estivesse conosco, ele não chegaria a reclamações de tão tristes consequências. Nós não temos aquele poder de persuasão com que ela, carinhosa sempre, iluminava a nossa casa. Lembras-te? Sempre nos ensinou que os filhos de Deus devem estar prontos para a execução das divinas vontades. Os profetas, por sua vez, nos esclarecem que os homens são varas no campo da criação. O Todo-Poderoso é o lavrador e nós devemos ser os galhos floridos ou frutíferos, na sua obra. A palavra de Deus nos ensina a ser bons e amáveis. O bem deve ser a flor e o fruto, que o Céu nos pede.

Nessa altura, a bela jovem fez uma pausa significativa. Seus grandes olhos estavam velados por um tênue véu de pranto, que não chegava a cair.

— Entretanto — continuou ela, emocionando o irmão carinhoso —, sempre desejei fazer algum bem, sem jamais o conseguir. Quando nossa vizinha enviuvou, quis auxiliá-la com dinheiro, mas não o possuía; sempre que me surge uma oportunidade de abrir as mãos, tenho-as pobres e vazias. Então, agora, penso que foi útil a nossa prisão. Não será uma felicidade, neste mundo, podermos sofrer alguma coisa por amor a Deus? Quem nada tem, inda possui o coração para dar. E estou convicta de que o Céu nos abençoará pela nossa resolução em servi-lo com alegria.

O rapaz aconchegou-a ao peito e exclamou:

— Deus te abençoe pelo entendimento das suas leis, irmãzinha!

Longa pausa estabelecia-se entre ambos, enquanto mergulhavam no infinito da noite clara os olhos ternos e ansiosos.

Em dado instante, voltou a jovem a considerar:

— Por que será que os filhos de nossa raça são perseguidos em toda parte, provando injustiça e sofrimentos?

— Suponho — respondeu o moço — que Deus o permite a exemplo do pai amoroso que, para educar os filhos mais jovens e ignorantes, toma por base os filhos mais experientes. Enquanto os outros povos amortecem forças na dominação pela espada, ou nos prazeres condenáveis, nosso testemunho ao Altíssimo, pelas dores e amarguras, multiplica em nosso espírito a capacidade de resistência, ao mesmo tempo em que os outros homens aprendem a considerar, com o nosso esforço, as verdades religiosas.

E, fixando o olhar sereno no firmamento, acrescentou:

— Mas eu creio no Messias Redentor, que virá esclarecer todas as coisas. Os profetas nos afirmam que os homens não o compreenderão; entretanto, Ele há de vir ensinando o amor, a caridade, a justiça e o perdão. Nascerá entre os humildes, exemplificará entre os pobres, iluminará o povo de Israel, levantará os tristes e oprimidos, tomará, com amor, todos os que padecem no abandono do coração. Quem sabe, Abigail, estará Ele no mundo, sem o sabermos? Deus opera em silêncio e não concorre com as vaidades da criatura. Temos fé e a nossa confiança no Céu é uma fonte de força inesgotável. Os filhos da nossa raça muito têm padecido, mas Deus saberá o porquê, e não nos enviaria problemas de que não necessitássemos.

A jovem pareceu meditar longamente e obtemperou, depois de alguns instantes:

— E já que falamos em sofrimentos, como deveremos esperar o dia de amanhã? Prevejo grandes contrariedades no interrogatório e, afinal, que farão os juízes de nosso pai e de nós próprios?

— Não deveremos aguardar senão desgostos e decepções, mas não esqueçamos a oportunidade de obedecer a Deus. Quando

experimentou a ironia de sua mulher, nas desditas extremas, Jó teve a boa lembrança de que, se o Criador nos dá os bens para nossa alegria, pode enviar-nos igualmente os dissabores para nosso proveito. Se o papai for acusado, direi que fui eu o autor do delito.

— E se te flagelarem por isso? — perguntou ela de olhos ansiosos.

— Entregar-me-ei ao flagício com a paz da consciência. Se estiveres junto de mim, nesse instante, cantarás comigo a prece dos que se encontram em aflição.

— E se te matarem, Jeziel?

— Pediremos a Deus que nos proteja.

Abigail abraçou mais ternamente o irmão, que, por sua vez, dissimulava a custo a emoção que lhe ia na alma. A irmã querida constituía sempre o tesouro afetivo de toda a sua vida. Desde que a morte lhes arrebatara a genitora, dedicara-se à irmã, com todas as veras do coração. Sua vida pura dividia-se entre o trabalho e a obediência ao pai; entre o estudo da Lei e a afeição à meiga companheira da infância. Abigail contemplava-o ternamente, enquanto ele a abraçava com o enlevo da amizade pura, que reúne duas almas afins.

Depois de meditar longos minutos, Jeziel falou comovido:

— Se eu morrer, Abigail, hás de prometer-me seguir à risca aqueles conselhos da mamãe, para que tivéssemos a vida sem mácula neste mundo. Lembrar-te-ás de Deus e da nossa vida de trabalho santificador, e nunca ouvirás a voz das tentações que arrastam as criaturas à queda nos abismos do caminho. Recordas-te das últimas observações da mamãe no leito da morte?

— Se recordo — respondeu Abigail com uma lágrima. — Tenho a impressão de ouvir ainda as suas últimas palavras: “E vocês, meus filhos, amarão a Deus acima de tudo, de todo o coração e de todo o entendimento.”

Jeziel sentiu os olhos úmidos, com aquelas recordações, e murmurou:

— Feliz de ti que não esqueceste.

E como quem desejava mudar o rumo da conversa, acrescentou sensibilizado:

— Agora precisas descansar.

Embora ela se recusasse ao repouso, tomou-lhe o manto pobre, improvisou um leito à luz baça do luar que penetrava pelas grades e, osculando-lhe a fronte com indizível ternura, advertiu afetuosamente:

— Descansa, não te impressiones com a situação, nosso destino pertence a Deus.

Abigail, para lhe ser agradável, aquietou-se como pôde, enquanto ele se aproximou da janela para contemplar a beleza da noite polvilhada de luz. Seu coração moço atufava-se de angustiosas cogitações. Agora que o pai e a irmãzinha repousavam na sombra, dava curso às ideias profundas que lhe empolgavam o espírito generoso. Buscava, ansiosamente, uma resposta às interrogações que mandava às estrelas distantes. Esperava, com sinceridade e confiança, no seu Deus de sabedoria e misericórdia, que os pais lhe deram a conhecer. A seus olhos, o Todo-Poderoso sempre fora infinitamente justo e bom. Ele, que esclarecera o genitor e consolara a irmãzinha, perguntava também, por sua vez, dentro de si, o porquê das suas provas dolorosas. Como se justificava, por causa tão comezinha, a prisão inesperada de um ancião honesto, de um homem trabalhador e de uma criança inocente? Que delito irreparável haviam praticado para merecer expiação tão penosa? O pranto correu-lhe copioso ao lembrar a humilhação da irmã, mas também não procurou enxugar as lágrimas que lhe inundavam o rosto, de maneira a escondê-las de Abigail, que talvez o observasse na sombra. Rememorava, um a um, todos os ensinamentos dos Escritos Sagrados. As lições dos profetas consolavam-lhe a alma ansiosa. Entretanto, vagava-lhe no coração uma saudade infinita. Lembrava-se do carinho materno que a morte lhe arrebatara. Se presente àquele transe, a mãe saberia como confortá-los. Quando criança, nas suas pequenas contrariedades, ela ensinava que, em tudo, Deus era bom e misericordioso; que, nas enfermidades, corrigia o corpo, e nas angústias da alma esclarecia, iluminava o coração; no desfile das reminiscências, considerava igualmente que ela sempre o incitara à coragem e à alegria, fazendo-lhe sentir

que a criatura convicta da paternidade divina anda, no mundo, fortalecida e feliz.

Edificado na fé, cobrou ânimo e, depois de longas reflexões, aquietou-se na laje fria, procurando o repouso possível no silêncio augusto da noite.

O dia amanheceu prenhe de lúgubres expectativas.

Dentro de poucas horas, Licínio Minúcio, rodeado de numerosos guardas e satélites, recebeu os prisioneiros na sala destinada aos criminosos comuns, na qual se ostentavam alguns instrumentos de punição e suplício. Jochedeb e os filhos traíam na palidez do semblante a emoção profunda que os dominava.

Os costumes da época eram excessivamente desumanos para que o juiz implacável e a maioria dos circunstantes se inclinassem à comiseração pelo aspecto desditoso deles.

Alguns esbirros perfilavam-se junto dos potros de castigo, em que pendiam açoites e algemas impiedosos.

Não houve interrogatório, nem depoimento de testemunhas, como seria de esperar antes de providências tão odiosas, e, chamado rudemente pela voz metálica do legado, o velho judeu aproximou-se vacilante e trêmulo: — Jochedeb — exclamou o algoz impassível e sanhudo —, os que desacatam as leis do Império devem ser punidos de morte, mas eu procurei ser magnânimo em consideração à tua velhice desamparada.

Um olhar de angustiada expectativa transfigurou o rosto do acusado, enquanto o patrício esboçou um sorriso irônico.

— Alguns operários lá da herdade — continuou Licínio — viram-te as mãos perversas na tarde de ontem, quando incendiaste as pastagens. Esse ato redundou em sérios prejuízos para os meus interesses, além de ocasionar males talvez irreparáveis à saúde de dois servos mui prestimosos. Como nada tens de teu para compensar o dano causado, receberás o justo corretivo em flagelações, para que nunca mais venhas a erguer tuas garras de abutre contra os interesses romanos.

Sob o olhar angustiado e lacrimoso dos filhos, o velho israelita ajoelhou-se e murmurou:

— Senhor, por piedade!

— Piedade? — berrou Minúcio com rispidez. — Cometes um crime e imploras favores?! Bem se diz que tua raça se compõe de vermes asquerosos e desprezíveis.

E, designando o tronco, disse friamente a um dos sequazes:

— Pescênio, avia-te! Vergasta-o vinte vezes.

Ante a muda aflição dos jovens, o respeitável ancião foi solidamente algemado.

O castigo ia começar quando Jeziel, rompendo a expectativa geral, aproximou-se da mesa e falou com humildade:

— Questor Ilustríssimo, perdoai minha covardia de haver calado até agora; asseguro-vos, porém, que meu pai está sendo acusado injustamente. Fui eu quem incendiou os terrenos de vossa propriedade, perturbado pela sentença de confisco exarada contra nós. Dignai-vos, pois, libertá-lo e dar-me a mim a merecida punição. Aceitá-la-ei de bom grado.

O patrício teve um lampejo de surpresa nos olhos frios, que se caracterizavam por mobilidade extrema, e acentuou:

— Mas não auxiliaste os meus homens a salvar uma parte das termas?

Não foste o primeiro a medicar Rufílio?

— Assim fiz levado pelo remorso, Ilustríssimo — retrucou o rapaz, ansioso por isentar o pai do suplício iminente —; quando vi a extensão do fogo comunicando-se às árvores, temi as consequências do ato praticado, mas, agora, confesso ter sido o seu autor.

Nesse ínterim, receoso pela sorte do filho, Jochedeb exclamou, intimamente atormentado:

— Jeziel, não te inculpes por uma falta que não cometeste!...

Mas, pontilhando as palavras com extrema ironia, o legado replicou, dirigindo-se ao moço hebreu:

— Está bem — poupei-te até agora, baseado nas falsas informações que me deram a teu respeito —; contudo, terás também o teu quinhão de disciplina indispensável. Teu pai pagará pelo crime em que foi visto, de maneira inegável; e tu pagarás pelo que confessaste espontaneamente.

Colhido de surpresa pela decisão que não esperava, Jeziel foi conduzido ao poste de tortura, em frente da angústia paterna. A seu lado, postou-se o companheiro de Pescênio, que o atou sem piedade aos elos de bronze, e as primeiras vergastadas começaram a lamber-lhe o dorso, impiedosas, isócronas. Uma... duas... três...

Jochedeb revelava profunda debilidade, vendo-se-lhe o peito a arfar penosamente, ao passo que o filho demonstrava tolerar o suplício com heroísmo e nobre serenidade; ambos de olhos fixos em Abigail, que os contemplava excessivamente pálida, entremostrando nas lágrimas ardentes que derramava o cruciante martírio do seu espírito afetuoso.

A punição terrível ia quase a meio, quando um mensageiro entrou no recinto e, em voz alta, anunciou ao legado, em tom solene:

— Ilustríssimo, portadores de vossa casa participam que o servo Rufflio acaba de falecer.

O cruel patrício franziu o sobrolho<sup>10</sup> como costumava fazer nos momentos de explosão colérica. Sentimentos rancorosos lhe afloraram à face, que a perversidade do egoísmo exacerbado vinca de traços indelévels.

— Era o melhor dos meus homens — bradou. — Estes judeus malditos pagarão muito caro esta afronta.

— Filócrio, aplica-lhe mais vinte vergastadas e, em seguida, leva-o à prisão, de onde deverá seguir para o cativo nas galeras.

Entre as pobres vítimas e a jovem aflita trocou-se um olhar de significação intraduzível. Aquele cativo era a ruína e a morte. E ainda não se haviam recobrado da cruel surpresa, quando o juiz inexorável prosseguiu: — Quanto a ti, Pescênio, renova a tarefa. Esse velho, criminoso e sem escrúpulos, pagará a morte do meu fiel servidor. Golpeia-lhe as mãos e os pés até que fique impossibilitado de caminhar e praticar o mal.

Ante a sentença iníqua, Abigail caiu de joelhos, em preces ardentes. Do peito do irmão escapavam fundos suspiros, nevoando-se-lhe

---

<sup>10</sup> Sobrancelha.

os olhos de lágrimas dolorosas, ao conjecturar a inexorável desdita da irmãzinha, enquanto o pai lhes buscava ansiosamente o olhar, receoso da hora extrema.

As vergastadas continuavam sem trégua, mas, de uma feita, Pescênio não conseguira equilibrar-se e a aguçada ponta de bronze do açoite lanhou fundo a garganta do pobre israelita, jorrando o sangue em borbotões. Os filhos compreenderam a gravidade da situação e entreolharam-se ansiosos. Em preces de sublimado fervor, Abigail dirigia-se a Deus, àquele Deus terno e amoroso que sua mãe lhe ensinara a adorar. Filócrio concluía a sua empreitada. A frente de Jeziel erguia-se a custo, exibindo pastoso suor tismado de sangue. Os olhos fixavam-se na irmã muito amada, mas, em todo o seu aspecto, deixava transparecer profunda fraqueza, que lhe anulava as últimas resistências. Incapaz de definir os próprios pensamentos, Abigail repartia sua atenção angustiada com o pai e o irmão; todavia, em breves instantes, ao fluxo incessante do sangue que corria abundante, Jochedeb deixou pender, para sempre, a cabeça alvejada de cabelos brancos. O sangue alagara as vestes e empastava-se-lhe nos pés. Sob o olhar cruel do legado, ninguém ousou articular palavra. Apenas o açoite, cortando o ambiente morno da sala, quebrava o silêncio num silvo singular, mas notaram que do peito da vítima ainda se escapavam palavras confusas, das quais sobressaíam as carinhosas expressões:

— Meus filhos, meus queridos filhos!...

A jovem talvez não pudesse compreender que chegara o momento decisivo, mas Jeziel, não obstante o terrível sofrimento daquela hora, tudo compreendeu e, num esforço profundo, gritou para a irmã:

— Abigail, papai está expirando; tem coragem, confia... Não posso acompanhar-te na oração... mas faze por todos nós... a prece dos aflitos...

Dando mostras de fé invejável em tão amarguradas circunstâncias, a jovem, de joelhos, fixou longamente o velho pai cujo peito já não arfava; depois, erguendo os olhos ao Alto, começou a cantar com voz trêmula, porém harmoniosa e cristalina:

*Senhor Deus, pai dos que choram,  
 Dos tristes, dos oprimidos,  
 Fortaleza dos vencidos,  
 Consolo de toda a dor,  
 Embora a miséria amarga  
 Dos prantos de nosso erro,  
 Deste mundo de desterro  
 Clamamos por vosso amor!*

*Nas aflições do caminho,  
 Na noite mais tormentosa,  
 Vossa fonte generosa  
 É o bem que não secará.  
 Sois, em tudo, a luz eterna  
 Da alegria e da bonança,  
 Nossa porta de esperança  
 Que nunca se fechará.*

Suas expressões vocais enchiam o ambiente de sonoridade indefinível. O canto semelhava-se mais a um gorjeio de dor de um rouxinol que cantasse ferido, em uma alvorada de primavera. Tão grande, tão sincera se lhe revelava a fé no Todo-Poderoso, que sua atitude geral era a de uma filha carinhosa e obediente, comunicando-se com o pai silencioso e invisível. O pranto perturbava-lhe a voz trêmula, mas repetia com desassombro a prece aprendida no lar, com a mais formosa expressão de confiança no Altíssimo. Penosa emoção apossara-se de todos. Que fazer com uma criança cantando o suplício dos seus entes amados e a crueldade dos seus verdugos? Soldados e guardas presentes mal dissimulavam a emoção. O próprio questor parecia imobilizado, como que submetido a enfadonho mal-estar. Abigail, estranha à perversidade das criaturas, suplicando o amparo do Onipotente, não sabia que o cântico era inútil à salvação dos seus, mas que despertaria a comiseração pela sua inocência, ganhando-lhe, assim, a liberdade.

Recobrando alento e percebendo que a cena ferira a sensibilidade geral, Licínio esforçou-se por não perder a dureza de espírito e recomendou a um dos velhos servidores, em tom imperioso:

— Justino, leva esta mulher para a rua e solta-a, mas que não cante mais, nem mesmo uma nota!

Diante da ordem retumbante, Abigail não terminou a oração, emudecendo instantaneamente, como se obedecesse a estranho estacado.<sup>11</sup>

Lançou ao cadáver ensanguentado do pai um olhar inesquecível e, logo contemplando o irmão ferido e algemado, com quem trocava as mais íntimas impressões na linguagem dos olhos doridos e ansiosos, sentiu-se tocada pela mão calosa de um velho soldado que lhe dizia em voz quase áspera:

— Acompanha-me!

Ela estremeceu; todavia, endereçando a Jeziel o derradeiro e significativo olhar, seguiu o preposto de Minúcio, sem resistência. Após atravessar inúmeros corredores úmidos e sombrios, Justino, modificando sensivelmente a voz, deu-lhe a perceber extrema simpatia por sua figura quase infantil, murmurando-lhe ao ouvido, comovidamente:

— Minha filha, também sou pai e compreendo o teu martírio. Se queres atender a um amigo, escuta o meu conselho. Foge de Corinto a toda pressa. Vale-te deste instante de sensibilidade dos teus verdugos e não voltes aqui.

Abigail cobrou algum ânimo e, sentindo-se encorajada por aquela simpatia imprevista, perguntou extremamente perturbada:

— E meu pai?

— Teu pai descansou para sempre — murmurou o generoso soldado.

O pranto da jovem se fez mais copioso, borbulhando-lhe dos olhos tristes. Todavia, ansiosa por defender-se contra a perspectiva de solidão, perguntou ainda:

<sup>11</sup> Do italiano *staccato*; em português, “estacado” ou “destacado”, sinal usado em partitura musical para indicar que o som deve ser interrompido mediante um toque seco e breve; figuradamente, uma pausa, uma interrupção.

— Mas... e meu irmão?

— Ninguém volta do cativoiro das galeras — respondeu Justino com olhar significativo.

Abigail levou as mãos pequeninas ao peito, desejando afogar a própria dor. Os gonzos de velha porta rangeram vagarosamente e o seu inesperado protetor exclamou, apontando a rua movimentada:

— Vai em paz e que os deuses te protejam.

A pobre criatura não tardou a sentir o insulamento entre as fileiras de transeuntes que cruzavam, apressados, a via pública. Habituada aos carinhos domésticos, no lar onde o idioma paterno substituía a linguagem das ruas, sentiu-se estranha no meio de tantas criaturas inquietas, assoberbadas de interesses e preocupações materiais. Ninguém lhe notava as lágrimas, nenhuma voz amiga procurava inteirar-se das suas íntimas angústias.

Estava só! Sua mãe fora chamada por Deus, anos antes; seu pai acabava de sucumbir covardemente assassinado; o irmão, prisioneiro e cativo, sem esperança de remissão. Apesar do sol do meio-dia, tinha a sensação de intenso frio. Deveria regressar ao ninho doméstico? Mas, com que fim, se haviam sido expulsos? A quem confiar sua enorme desdita? Lembrou-se de uma velha amiga da família. Procurou-a. A viúva Sostênia, muito afeiçãoada à sua mãe, recebeu-a com o sorriso generoso da sua velhice bondosa.

Desfeita em pranto, a infortunada contou-lhe todo o sucedido.

A veneranda velhinha, acariciando-lhe a cabeleira anelada, falou comovida:

— Nas perseguições passadas, nossos sofrimentos foram os mesmos. E dando a entender que não desejava reviver antigas e dolorosas reminiscências, Sostênia acentuou:

— É indispensável o máximo de coragem nas situações penosas como esta. Não é fácil elevar o coração em meio de tão terríveis escombros, mas é preciso confiar em Deus nas horas mais amargas. Que contas fazer, agora que todos os recursos desapareceram? Por minha vez, nada posso oferecer-te, senão o coração amigo, pois também aqui estou por esmola da pobre família que me agasalhou caridosamente, na última tempestade da minha vida.

— Sostênia — disse Abigail, suspirando —, meus pais me prepararam para uma existência de corajoso esforço próprio. Estou pensando em recorrer ao legado e suplicar-lhe um cantinho da nossa chácara para ali viver uma vida honesta, na esperança de reaver Jeziel e sua fraterna companhia. Que pensas a respeito?

Notando a indecisão da veneranda amiga, continuou:

— Quem sabe o questor Licínio se condoerá da minha sorte? Minha resolução talvez o entorneça; voltarei para casa e levar-te-ei comigo. Ser-me-ias uma segunda mãe para o resto da vida.

Sostênia conchegou-a de encontro ao coração e acentuou de olhos úmidos:

— Minha querida, tu és um anjo, mas o mundo ainda é propriedade dos maus. Viveria contigo eternamente, minha boa Abigail; entretanto, não conheces o legado nem a sua camarilha. Ouve, filha! É preciso que fujas de Corinto, de modo a não incidires em mais duras humilhações.

A moça teve uma exclamação de abatimento e, depois de longa pausa, acrescentou:

— Aceitarei teus conselhos, mas, antes de qualquer providência, necessito voltar a casa.

— Para quê? — interrogou a amiga admirada.

— É imprescindível que partas quanto antes. Não voltes ao lar. A esta hora, é possível já esteja ocupado por homens sem escrúpulos, que te não respeitariam. Convém-te uma atitude de sincera fortaleza moral, pois vivemos uma época em que necessitamos fugir da perdição, como Ló e seus familiares, correndo o risco de sermos transformados em estátua inútil, se olharmos para trás.

A irmã de Jeziel bebia-lhe as palavras com dolorosa estranheza, em face do imprevisto da situação.

Passado um momento, Sostênia levou a mão à frente, como a recordar uma providência oportuna e falou com animação:

— Lembras-te de Zacarias, filho de Hanan?

— Aquele amigo da estrada de Cencreia?

— Ele mesmo. Fui informada de que, em companhia da esposa, prepara-se para deixar definitivamente a Acaia, por haver sido

assassinado pelos romanos irresponsáveis, nestes últimos dias, o seu único filho.

Confortada por ardente esperança, concluía com ansiedade:

— Corre à casa de Zacarias! Se ainda o encontrares, fala-lhe em meu nome. Pede-lhe acolhimento. Ruth é um coração generoso e não deixará de estender-te as mãos generosas e fraternais; sei que ela te receberá com afagos maternos!...

Abigail tudo ouvia, parecendo indiferente à própria sorte. Mas Sostênia fê-la considerar a necessidade do recurso e, decorridos minutos de consolações recíprocas, a jovem, sob o calor causticante das primeiras horas da tarde, pôs-se a caminho para Cencreia, dando a impressão de um autômato que vagasse na estrada, a que vários veículos e inúmeros pedestres imprimiam considerável movimento. O porto de Cencreia ficava a certa distância do centro de Corinto. Situado de maneira a servir às comunicações com o Oriente, seus bairros populosos estavam cheios de famílias israelitas, fixadas de longa data nas regiões da Acaia, ou em trânsito para a capital do Império e adjacências. A irmã de Jeziel chegou à casa de Zacarias dominada por terrível abatimento. Aliado à vigília da última noite e às angústias do dia, penoso cansaço físico lhe agravava os desalentos. Pernas trôpegas a relembrar o pai morto e o irmão prisioneiro, não reparava em si própria, no mísero estado do seu organismo enfermo e desnutrido. Somente ao defrontar a modesta morada do amigo, verificou que a febre começava a devorar-lhe as entranhas, obrigando-a a refletir nas suas dolorosas necessidades.

Zacarias e Ruth, sua mulher, atendendo ao chamado, receberam-na espantados e aflitos.

— Abigail!...

O grito de ambos revelava grande surpresa, com o aspecto da jovem despenteada, face esfogueada, olhos fundos e vestes em desalinho.

A filha de Jochedeb, perturbada pela fraqueza e pela febre, rojou-se aos pés do casal, exclamando em tom lancinante:

— Meus amigos, tende piedade do meu infortúnio!... Nossa boa Sostênia lembrou-me vosso afeto, no transe doloroso por que

passo. Eu, que já não tinha mãe, tive hoje meu pai assassinado e Jeziel escravizado sem remissão. Se é verdade que partireis de Corinto, levai-me, por compaixão, em vossa companhia!

Abigail abraçava-se agora a Ruth, ansiosamente, enquanto a amiga a acarinhava entre lágrimas.

Soluçante, a jovem relatou os fatos da véspera e os tristes episódios daquele dia.

Zacarias, cujo coração paterno acabava de sofrer tremendo golpe, abraçou-a com afeto e amparou-a sensibilizado, exclamando solícito:

— Dentro de uma semana voltaremos à Palestina. Ainda não sei bem onde nos vamos fixar, mas nós, que perdemos o filho querido, teremos em ti uma filha estremeçada. Acalma-te! Irás conosco, serás nossa filha para sempre.

Incapaz de traduzir seu jubiloso agradecimento, atormentada pela febre alta, a jovem ajoelhou-se, em pranto, procurando externar sua gratidão carinhosa e sincera; Ruth tomou-a ternamente nos braços e, qual desvelado anjo maternal, conduziu-a a um leito macio, onde Abigail, assistida pelos dois amigos generosos, delirou três dias entre a vida e a morte.

## Um extraordinário romance sobre os primórdios do cristianismo, com vidas que são exemplos de luta, fé e amor.

Ditada pelo espírito Emmanuel e psicografada por Chico Xavier, esta obra publicada pela primeira vez em 1941 relata episódios do início do cristianismo, desde o primeiro ano após a morte de Cristo até cerca do ano 64. Debruça-se essencialmente sobre as vidas de Paulo de Tarso, mais tarde São Paulo, e de Santo Estêvão, considerado o primeiro mártir do cristianismo.

Rica em detalhes históricos, mergulha nos bastidores das primeiras comunidades cristãs, revelando a força transformadora da espiritualidade num mundo repleto de desafios.

Profundo e inspirador, *Paulo e Estêvão* é um convite à reflexão sobre o poder do amor, do perdão e da entrega total à fé, e o que cada um deve fazer para corresponder ao apelo de Jesus, mostrando que o amor compensa as falhas da humanidade.

Leia também,  
do mesmo  
autor:



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

[www.penguinlivros.pt](http://www.penguinlivros.pt)

  [penguinlifestylept](https://www.instagram.com/penguinlifestylept)  
  [penguinlivros](https://www.facebook.com/penguinlivros)

ISBN: 978-989-583-542-3



9

789895 835423